

Por que a Ajuda não Aumenta as Taxas de Poupança na África Subsaariana?

por John Serieux, Universidade de Manitoba e Terry McKinley, CDPR, SOAS

Desde meados da década de 1980, a África Subsaariana tem a menor taxa de poupança e de investimento de qualquer região do mundo. Ela também tem sido a destinatária dos mais elevados níveis de ajuda oficial ao desenvolvimento em relação à produção. Por isso, muitos analistas têm tido a preocupação de que a AOD¹ possa ter um impacto negativo sobre a poupança interna.

Este seria o caso se a AOD incentivasse na maioria das vezes taxas de consumo mais elevadas, e pouco fizesse para aumentar o investimento interno. Tem sido este o caso? Este One Pager investiga esta questão (vide Serieux, 2009).

A maioria das análises anteriores sobre esta questão tem presumido que a ajuda poderia ser utilizada tanto para consumo interno ou investimento. No entanto, esta análise está incompleta, uma vez que também se assenta no pressuposto de que toda a AOD efetivamente permanece dentro do país em desenvolvimento.

As análises também se fixaram sobre o relacionamento econométrico derivado entre a AOD e a poupança interna. Isto tem sido obtido regredindo o coeficiente poupança/PIB em AOD/PIB (e de outras importantes variáveis explicativas, tais como a renda per capita e o coeficiente de dependência).

A estimativa resultante de -1 para o coeficiente da variável AOD foi presumida para indicar que a AOD deslocou completamente a poupança interna (e era, portanto, totalmente consumida), enquanto que um coeficiente de 0 indicaria que toda a ajuda fora investida. Assim, um coeficiente estimado que fosse negativo e próximo a -1 ajudaria a explicar por que tanto taxas de poupança e de investimento permanecem tão baixas na África Subsaariana.

Deslocando Poupanças

A maioria dos resultados indicou que o coeficiente varia entre -1 e 0 para o mundo como um todo e para a maioria das regiões. Mas, curiosamente, o coeficiente para a AOD fica mais próximo a 0 para a África Subsaariana do que para outras regiões em desenvolvimento. Isso parece indicar que há menor deslocamento de poupança pela AOD na África Subsaariana, e, assim, a maioria da ajuda é investida. Mas se isto é verdade, porque é que a poupança e investimento internos permanecem tão baixos na África Subsaariana?

O que tais análises ignoram é que uma parte significativa da AOD possa estar sendo canalizada de volta para fora do país, sem ter tido qualquer impacto sobre o consumo ou investimento interno. Em outras palavras, as regressões AOD-poupança foram grandemente mal interpretadas. Elas ignoraram totalmente os fluxos reversos – a terceira opção de escape para a AOD.

O escoamento reverso da AOD poderia assumir diversas formas. Pode ser utilizado para reduzir passivos externos, ou seja, ao pagar juros da dívida externa e pagamentos do principal sobre dívida não concessional. Poderia assumir a forma de aquisição líquida de ativos externos pelo setor privado (fuga de capitais) ou pelo setor público (acumulação de reservas).

O que faz essa análise tripartite (consumo, investimento ou fluxo de saída de capitais) revelar para a África Subsaariana? Que percentagem da AOD financia cada um dos três? Para responder a essa questão, foram utilizados dados em painel sobre variáveis relevantes de regressão para 29 países da África Subsaariana para o período de 1965 a 2006. Regredimos a poupança sobre o total de AOD/PIB, bem como os seus dois principais componentes, Subsídios/AOD e Empréstimos Concessionais/PIB (em conjunto com outras variáveis relevantes).

Fluxos de Saída de Capitais

Descobrimos que, na margem, 35 por cento da AOD simplesmente financiava a saída de capitais. E apenas 24 por cento financiava o investimento interno. Os restantes 41 por cento financiavam o consumo interno (vide para os anos 1965-2006). Os subsídios tiveram um significativo coeficiente de cerca de -0,5 mas os empréstimos foram insignificantes.

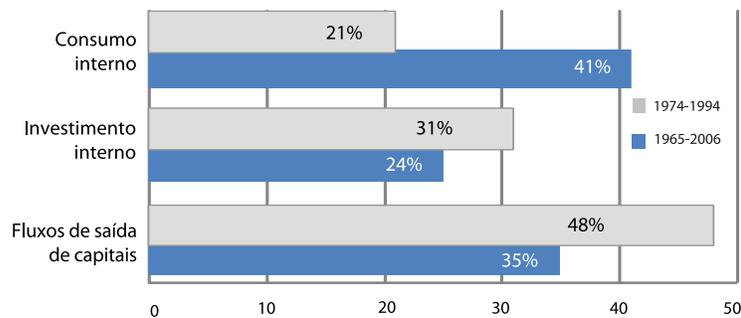
Estreitamos então nosso período de 1974 a 1994, quando a AOD estava quase continuamente crescendo, para ver se a tendência de aumento da AOD fez uma diferença para essas estimativas. A percentagem da AOD utilizados para financiar fluxos de saída de capitais saltou para 48 por cento enquanto que a percentagem impulsionando o consumo interno diminuiu para 21 por cento. O recorde de financiamento de investimento interno parecia moderadamente melhor uma vez que o percentual subiu para 31 por cento.

No entanto, os resultados globais não pintam um quadro encorajador. É verdade que durante o período em que a AOD aumentava continuamente, a parte que financiava o investimento interno subia. No entanto, isto poderia ser explicado pelo aumento da parcela de empréstimos concessionais face aos subsídios uma vez que a primeira teve um impacto positivo sobre a poupança.

Mais preocupante foi o aumento da parcela de fluxos de saída de capitais, a saber, de 35 por cento (para todo o período) para 48 por cento (durante o período de aumento da AOD).

Os fluxos de saídas mais prováveis, especialmente durante o final dos anos 1980 e início dos anos 1990, foram os pagamentos do serviço da dívida. Durante o período mais recente, a acumulação de reservas em divisas pode ter se tornado mais importante. Mas a determinação da composição dos fluxos de saídas de capitais é um tema para pesquisa mais aprofundada.

Resultados da AOD



Referência:

John Serieux (2009). "Aid and Savings in Sub-Saharan Africa: Should We Worry about Rising Aid Levels?" *Working Paper No. 50*, Brasília, Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo, Este artigo é publicado conjuntamente com o Centre for Development Policy and Research. Vide o Development Viewpoint em <www.soas.ac.uk/cdpr>

Nota:

1. AOD é o acrônimo brasileiro para "assistência oficial para o desenvolvimento", equivale a APD, acrônimo usual em Portugal e nos PALOP, para "ajuda pública ao desenvolvimento".